



UMA NOITE  
NA  
ITÁLIA

## Prólogo



# Io ricordo

(EU LEMBRO)

Durante muitos anos, sempre que pensava naquele verão na Itália, ela se lembrava do cheiro primeiro: a fragrância das buganvílias cor-de-rosa ao redor do bar de piscina de Lucca se misturava de um jeito inebriante com o odor do bronzeador de óleo de coco e da fumaça de cigarro. Naquele momento, ela ainda se sentia jovem e livre, com um vestido vermelho, uma atitude destemida e o melhor bronzeador de sua vida. O ar cintilava com o calor e com um milhão de possibilidades. Tudo podia acontecer.

No dia em que tudo mudou, ela tinha esticado a toalha numa espreguiçadeira, tirado o vestido e se sentado, ajustando as alças do biquíni. Então, bem quando estava prestes a se deitar e relaxar, sentiu um formigamento na pele – sexto sentido, talvez. Olhando através dos óculos de sol, avistou um homem na parte funda da piscina, apoiado na lateral, gotículas de água brilhando em seus braços fortes e bronzeados. Ele parecia olhar diretamente para ela.

Será que ela estava imaginando ou ele estava mesmo interessado nela? Baixou os óculos para confirmar, o mundo tomado por uma luminosidade repentina. Ele *definitivamente* estava de olho nela. E, melhor ainda, ele era lindo de morrer.

Seu corpo ficou em chamas quando os dois trocaram um olhar longo e intenso. Os barulhos ao redor da piscina pareceram sumir, como se o mundo tivesse sido colocado no mudo. Tudo o que ela conseguia ouvir era o batimento do próprio coração.

*Ah, por que não?*, teve a imprudência de pensar. Estava solteira, de férias

e a fim de se divertir um pouco. Talvez o cara também estivesse na mesma situação. Sem pensar duas vezes, deu uma piscadela para ele. Seu coração deu um pulo quando ele respondeu com um sorriso que revelava dentes brancos perfeitos. E então ele estava saindo da piscina, a água escorrendo pelos braços musculosos: era alto, com um porte atlético, talvez 20 e poucos anos, pele dourada e um sorriso torto. Quando ele se endireitou, ela não pôde deixar de notar a forma como o calção de banho revelava apenas a parte superior dos ossos do quadril e sentiu um arrepio repentino de desejo.

Ele foi até ela, gotículas de água ainda grudadas ao corpo, sem tirar os olhos dela.

– *Ciao, bella* – cumprimentou, com um tom de voz baixo e rouco.

O sangue parecia latejar em suas veias. Ela ficou sem fôlego. Aquele era o momento pelo qual havia esperado durante todo o verão. Ela arqueou a sobrancelha num flerte e retribuiu o sorriso.

– *Ciao* – falou.



# Mio padre

(MEU PAI)

Como jornalista, Anna Morley estava acostumada a transformar sua vida em manchetes; aquilo já era instintivo para ela. Sem nem ter consciência do que estava fazendo, até os eventos mais ordinários se tornavam manchetes incisivas gravadas em grossas letras garrafais pretas em sua mente.

*ARRASADA! Jornalista de 32 anos perde o ônibus de volta para casa.*

*PERIGO NAS RUAS! Buraco na calçada é “sinal claro de um acidente iminente”, diz moradora, 32 anos.*

*QUE SE FAÇA A LUZ. Conselho municipal criticado por postes de luz queimados. A campanha no Herald começa hoje!*

*JOGOS VORAZES. Escritora faminta de 32 anos xinga a si mesma por não ter parado no mercado para comprar uma lata de feijões.*

Verdade seja dita, nenhuma daquelas manchetes era particularmente fascinante. Mas sua vida também não. Se Anna morresse naquele momento e precisasse de uma frase para a lápide, “O mesmo de sempre” resumiria tudo perfeitamente.

Mas então veio a notícia mais chocante de todas, quando ela menos esperava, e depois disso nada mais foi “o mesmo de sempre”. Impressionante como uma única conversa podia mudar tudo.

Nora, a avó de Anna, morava na Clemency House, um asilo a oito quilômetros de Sheffield. Com um cheiro forte de xixi, desinfetante e repolho cozido além do ponto, era o lar de uma gama de aposentados em estados variados de confusão e decrepitude. Certamente era o último lugar na Terra em que alguém esperaria ter uma epifania.

Anna sempre visitava a avó no último domingo do mês e já conhecia quase todos os moradores àquela altura. Um falatório animado a recepcionava no salão – “Aaah, é a Anna”; “Acorde, querida, Anna está aqui, veja, veio visitar a Nora”; “Anna! Oi!” –, o que sempre a fazia se sentir uma espécie de celebridade enquanto abria caminho em meio ao mar de cabelos grisalhos e meias de compressão.

“Olá, Sra. Ransome, que vestido lindo está usando hoje.”

“Olá, Violet, como vai o seu bisneto?”

“Olá, Elsie, eu trouxe as palavras cruzadas de hoje. Quer dar uma olhada?”

Nora sempre se levantava de sua poltrona favorita, de cor caramelo e com espaldar alto, e oferecia a bochecha macia e coberta de pó facial à neta para um beijo. Depois, as duas tomavam um chá amargo demais e conversavam por volta de uma hora antes de darem um passeio lento pelo jardim para que Nora tivesse a oportunidade de reclamar em particular sobre o morador que estava lhe dando nos nervos naquela semana. E normalmente era só isso.

Porém, daquela vez o padrão mudou. Era um dia de outono com muito vento. Nuvens escuras se sobrepunham no céu lá fora, enquanto no lado de dentro a calefação central estava ligada numa temperatura sonífera. Anna estava prestes a sugerir darem uma volta lá fora quando uma tempestade irrompeu e a chuva começou a cair forte, batendo com grandes gotas pesadas no vidro das janelas.

– Minha nossa! – exclamou Nora, piscando alarmada e cheia de medo, com a mão no pescoço enrugado.

Como sempre, ela vestia uma combinação excêntrica de roupas, com uma blusa creme e um casaquinho de lã verde de bolinhas, sua saia de tweed favorita e uma meia-calça marrom grossa que pendia folgada ao redor dos tornozelos inchados.

– Talvez seja melhor a gente ficar aqui dentro mesmo – comentou Anna, discretamente olhando para o relógio.

Já eram três da tarde. Pete iria jantar com ela naquele dia – “um frango assado com legumes”, Anna tinha prometido, ambiciosa, embora soubesse com certeza absoluta que não havia um único vegetal em toda a sua casa, muito menos algo que ela pudesse regar com azeite e enfiar no forno.

Nora se virou e encarou Anna como se a visse pela primeira vez. Sua

demência era uma fera imprevisível: em certos dias ela parecia lúcida e conseguia conversar normalmente, mas, em outros, um véu de confusão tomava seu rosto e ela só balbuciava frases incoerentes.

– Você se parece bastante com ele, sabia? – comentou do nada. – Gino, não era?

Sua dentadura estava se soltando, deixando as palavras indistintas.

– Gino? – repetiu Anna. – Do que a senhora está falando, vó?

– O italiano. Você sabe... – Os olhos dela estavam nublados e distantes, se afastando do rosto da neta. – Seu pai.

O estômago de Anna se revirou. Ela só podia ter ouvido errado.

– Meu *pai*?

Nora franziu a testa.

– Não foi o que eu acabei de falar? Coitadinha da sua mãe. – Ela balançou a cabeça, agarrando os braços da cadeira com dedos nodosos. – Só arrumava encrenca!

Anna teve dificuldade para respirar por um momento. Ela abriu e fechou a boca, seu cérebro queimando com perguntas urgentes e chocadas.

– Era esse o nome dele? – indagou, atordoada.

*Até que enfim*, pensou. *Até que enfim!*

– Gino? Era esse o nome dele? – insistiu ela.

– *It's a long way to Tipperary* – começou a cantar a Sra. Ransome nos fundos com uma voz esganiçada. – *It's a long way to go*.

Vários outros moradores se uniram à cantoria, e Anna teve que falar mais alto.

– Vó? – insistiu quando não obteve resposta. – Meu pai se chamava Gino? Nora piscou.

– Olha só essa chuva! – comentou, admirada. – É melhor tirar as roupas do varal, né?

– Vó, a senhora não tem nenhum varal aqui. Estamos na Clemency House, lembra?

– *It's a long way to Tipperary, to the sweetest girl I knooooow...*

– Eu lavei as brancas de manhã – disse Nora com uma voz sonhadora. – As camisas de Albert e os lençóis. O vestido da escola dominical de Meredith com os laços cor-de-rosa.

E ela se foi, mais uma vez engolida pelas brumas desconcertantes do

passado. Albert era seu marido, havia muito falecido. Anna não tinha ideia de quem era Meredith.

– Vó, me escute. A senhora se lembra de Gino? Como que ele era?

Anna registrou vagamente que alguém batia palmas fora do ritmo.

– *Goodbye, Piccadilly*. Cante com a gente, Nora! *Farewell, Leicester Square...*

Nora não prestava atenção. Ela estava em seu próprio mundo paralelo, com a cabeça inclinada para o lado como se escutasse vozes distantes.

– E a toalha de mesa! A gente teve que esfregar bem para tirar aquele molho, né, Susan?

Anna se encurvou, desanimada. Susan era a irmã da sua avó, falecida havia muito tempo; Nora volta e meia se confundia e achava que era Anna. Gino já estava tão longe quanto o condado de Tipperary.

– E agora está encharcada. Vamos lá! Cadê o cesto?

Ela se levantou, mas Anna a segurou pelo braço fininho.

– Fique sentada – pediu com gentileza. – A Sra. Eccles vai cuidar das roupas.

A Sra. Eccles às vezes era mencionada quando Nora começava com esses assuntos. Anna não tinha muita certeza de quem era a mulher, mas valia a pena tentar jogar o nome dela na conversa naquele momento, enquanto Nora estava delirando.

– *It's a long, long way to Tipperary, but my heart's still theeeeeere!*

Nora a encarou.

– Ivy Eccles? Tem certeza?

– Ah, sim – confirmou Anna com um tom tranquilizador. – Mas e quanto a Gino...

– Até parece! Ivy Eccles está mortinha da silva há trinta anos. Do que é que você está falando, querida?

– Alguém aceita uma xícara de chá? – Uma das cuidadoras apareceu com um carrinho e um sorriso largo. – Biscoitos de chocolate?

A cantoria parou abruptamente e foi substituída por murmúrios satisfeitos e cheios de expectativa.

– Ah, que maravilha – disse Nora. – Sim, por favor, me traga aqui, flor! – Ela se voltou para Anna, os olhos cintilando. – Aceita um, Susan?



Mais tarde, enquanto Anna dirigia para casa, sua mente rodopiava com novas manchetes estridentes.

*QUEM É O PAI? Até que enfim uma pista.*

*VOCÊ CONHECE GINO? Começa a caça ao italiano misterioso.*

*GAROTINHA DO PAPAÍ. Filha há muito perdida se reencontra com o pai.*

*Gino.* Seu pai se chamava Gino. Ele era italiano. Era como se uma porta tivesse sido aberta e a luz inundasse um quarto escuro e fechado após anos de silêncio.

A mãe de Anna sempre se recusara categoricamente a falar qualquer coisa sobre o pai dela. O nome dele nem constava na certidão de nascimento de Anna.

– Você não tem pai – dissera de modo carinhoso quando Anna era pequena e estava começando a perceber que a maioria dos colegas de turma tinha um pai e uma mãe, em vez de apenas a mãe. – Você tem a mim, e eu sou o bastante.

Anos depois, quando Anna cresceu e descobriu que, tecnicamente, o envolvimento de um pai era necessário em certa etapa do processo, a mãe não cedeu.

– Não fale comigo daquele traste – sibilou quando Anna teve coragem de perguntar de novo. – Acredite em mim, meu amor, é melhor que você nem saiba.

Durante sua infância em Chesterfield, apenas as duas numa casa alugada apertada, Anna nunca sentiu que era melhor não saber, nem por um minuto. Ela odiava não saber. Será que o pai era um psicopata? Um criminoso perigoso? Será que tinha ferido a mãe de alguma forma? Devia ter feito alguma coisa absolutamente medonha, já que ninguém se atrevia sequer a dizer seu nome em voz alta. (Ela quase tinha certeza de que não era Volde-mort, mas esse último fato a deixou pensativa.)

Sua mãe era parteira, e ocorreu brevemente a Anna que talvez tivesse sido roubada de uma maternidade quando era bebê, o que justificaria aquele sigilo impenetrável. Talvez toda aquela história sobre o pai ser um traste fosse uma fachada, porque a mãe de Anna nem seria sua mãe verdadeira. Mas não, isso não era possível, porque as duas tinham a mesma bunda cur-

vilínea e os seios grandes, e o mesmo pé ridículo de tão pequeno. Só que as cores saíram trocadas: a mãe tinha cabelos louros ondulados, olhos azuis e pele de porcelana, enquanto Anna tinha cabelos escuros, olhos castanhos e uma tez azeitonada.

– Gino... – murmurou enquanto passava pela rotatória para sair do anel rodoviário.

Em sua mente apareceu a imagem de um homem de pele trigueira e olhos castanhos brilhantes. *O italiano*, era o que sua avó tinha dito, e novas perguntas começaram a pipocar. Será que a mãe o conhecera durante as férias na Itália? Será que tinha sido um caso de verão que terminou mal? Onde estava o pai de Anna agora?

Ela baixou o espelho do para-sol e olhou seu reflexo enquanto esperava o trânsito fluir, os carros andando e parando a toda hora a caminho do centro da cidade. Ela tinha mesmo uns traços mediterrâneos, não tinha? Sempre era a primeira a pegar um bronzeado quando saía de férias com as amigas, fazendo as outras morrerem de inveja, e já tinha se perguntado se talvez um pedacinho de seu DNA não incluía genes gregos, indianos ou até persas.

Por fim, pela primeira vez, tinha uma resposta, um fato. Um pai italiano, acrescentando uma pitadinha estrangeira às origens britânicas de sua mãe, de Yorkshire. Isso fez Anna se sentir diferente: mais interessante, mais atraente.

– *Mamma mia!* – exclamou, virando na rua de casa e estacionando com pouca elegância numa vaga.

Tomada pela animação e pela curiosidade, ela subiu as escadas correndo até seu apartamento. Ela viera estudar em Sheffield catorze anos antes e nunca mais fora embora. Tinha saído dos dormitórios da universidade direto para as casas comunitárias em Broomhill e Crookesmoor, até chegar ao próprio apartamento de primeiro andar pertinho da Ecclesall Road. Na época, não tinha intenção de ficar tanto tempo assim naquele lugar, apenas alguns meses enquanto economizava para fazer algo mais interessante, como ir para Londres ou sair viajando. Mas então conseguira um emprego no jornal local, e, de alguma forma, seis anos depois, ainda não tinha saído nem do emprego nem do apartamento. Seus sonhos de trabalhar na redação de algum dos jornais nacionais, ou de ser mochileira em praias distantes, continuaram sendo apenas sonhos, menos prováveis a cada ano.

Naquele momento, ela observou o apartamento com novos olhos. Era

apertado e bagunçado, com uma mancha de umidade persistente num canto do teto onde havia uma infiltração. O vaso de uma planta que dava os últimos suspiros ficava em cima da TV, e uma camada fina de poeira cinza cobria os rodapés. Parecia algo vindo diretamente da coluna “Livre-se da bagunça”, que o jornal fazia toda primavera, só que apenas a foto do “Antes”. Mas Anna ia, sim, transformar aquele lugar num ambiente incrível e bem chique um dia. Sem sombra de dúvida. Só não tinha dado certo ainda.

Num impulso, ela discou um número no celular e se jogou no velho sofá vermelho. A mãe atendeu depois de três toques.

– Alô?

– Mãe, sou eu. Escuta. Fui visitar a vovó hoje e...

As palavras de repente se embolaram em sua boca e Anna hesitou, sem ter certeza de como prosseguir.

– Está tudo bem? Ela está bem?

– Está, sim. – Anna engoliu em seco. – A questão é que ela disse...

Mais uma vez, sua voz falhou no momento crucial. *Pergunte logo! É só perguntar!*

– A ligação está horrível. Não estou ouvindo direito. O que ela disse? Ela está surtando de novo? Ninguém me avisou nada.

– Não, está tudo bem, é só que...

Anna correu a mão pelos cabelos longos, desamparada, então seus olhos recaíram numa foto no console empoeirado da lareira. Era dela com a mãe em Rhyll durante um verão, quando Anna tinha uns 9 anos, as duas bronzeadas e de óculos escuros, sorrindo para a câmera. Era uma das fotos favoritas de Anna, que a fazia se lembrar de castelos de areia, sorvete e um passeio num burro peludo coberto de areia. Elas tinham enfrentado muita coisa juntas. Será que era justo Anna fazer aquilo, naquele momento, pelo telefone?

– Não é nada – murmurou. – Só queria te dizer que ela está bem. Que tudo está bem.

– Ah, que bom – respondeu Tracey, soando um pouco confusa. – Que ótimo. E você também está bem, né? Aquela tosse chata já passou?

– Estou bem, sim, mãe. É melhor eu ir. Mande um beijo pro Graham. Tchau.

Ela desligou, sentindo-se uma covarde. Isso é que é dar para trás. Agora

Anna não tinha nenhuma informação nova, não tinha avançado nada de nada. Largando o telefone, procurou entre os livros e panfletos enfiados de modo aleatório nas estantes até achar o antigo atlas escolar, então o folheou. Itália, Itália, Itália... ali estava.

Anna encarou o desenho do país como se ele pudesse lhe revelar segredos, passando um dedo pelos Alpes e ao longo da costa leste selvagem. Sentiu um frio na barriga ao sussurrar o nome das cidades para si mesma. *Nápoles. Florença. Siena.*

– Onde você está, Gino? – murmurou.

Envergonhada, percebeu que não conhecia quase nada sobre o país além de pizza, vinho Chianti e os romanos. Patético. E pensar que essa era a terra natal de seu pai! Muito bem, era hora de começar um intensivão.



Por causa de todo aquele drama, Anna se esqueceu completamente de Pete e do frango assado que era para estar preparando, até que a campainha tocou às seis da tarde, fazendo-a dar um pulo e tirando-a de seus devaneios. Ah, merda. *O jantar.*

Pete não era exatamente o galã de um amor tórrido com quem Anna sempre se imaginara – para ser sincera, era mais um caso de “dá pro gasto”, mais um homem sem sal da Cornualha do que um verdadeiro pedaço de mau caminho. Apesar disso, era um cara decente que nunca a traíra nem roubara milhares de libras dela ou se assumira gay, situações que já tinham acontecido com suas amigas. Tá, ele não era o homem mais dinâmico ou passional do mundo – na verdade, Anna já tinha se perguntado se Pete sabia da existência da palavra “romance” –, mas ele era bom o bastante. Eles se divertiam juntos. Quer dizer, não naquele momento.

– Como assim, você esqueceu? – queixou-se Pete quando ela o deixou entrar. – Com direito a acompanhamento, foi o que você disse. Estou com água na boca desde o café da manhã!

Sua expressão era de total decepção, parecendo um cão de caça morrendo de fome.

– Desculpa mesmo, Pete, perdi a noção da hora. Aconteceu uma coisa incrível hoje, sabe? – começou Anna, e contou o que a avó tinha deixado

escapar, aquele pequeno e brilhante fragmento da verdade. – Só consegui pensar nisso a tarde toda.

Ele observou a cozinha encardida e desprovida de alimentos onde nenhum frango assado dourado esperava para ser servido, nenhum molho espesso para pão borbulhava como lava no fogão e nenhuma batata assada chiava crocante no forno.

– Vamos para o pub, então? – disse ele com um suspiro e a mão na barriga. – Meu estômago acha que cortaram minha garganta.

Para ele estava tudo certo, pensou Anna, azeda. Pete sabia de onde vinha, conhecia seus pais, colecionadores de cerâmicas de gato, que moravam numa casa geminada impecável (com o adequado nome Wits' End, que podia significar “Não aguento mais”), e suas duas irmãs, casadas e com filhos, que viviam em algum lugar em Sheffield e tinham vidas tão animadas quanto um par de meias. Pete tinha uma família, tinha raízes, sabia com certeza seu lugar no mundo. Não fazia ideia de como havia tirado a sorte grande.

– Pete, acabei de contar que estou prestes a encontrar meu pai, e você só consegue pensar no próprio estômago? Não dá para demonstrar pelo menos um *pouquinho* de interesse?

A voz dela saiu com mais rispidez do que tinha pretendido, e a perplexidade tomou conta do rosto dele.

– Meu amor, com todo o respeito, você não está prestes a *encontrar* seu pai. Você só sabe o nome dele e de onde ele veio – salientou ele com o pedantismo irritante de sempre. – Deve ter um número considerável de caras chamados Gino na Itália, não se esqueça disso.

Anna rangeu os dentes.

– É, você tem toda a razão, Pete – respondeu, sarcástica. – É melhor desistir de vez então, né?

Ele assentiu como se fosse o fim da conversa.

– Vamos indo?

Ah, para que insistir? Ele era um sem noção.

– Acho que sim – murmurou Anna, revirando os olhos.

Ela imaginou onde o pai estaria jantando naquele domingo. Apostaria até o último centavo que não era numa espelunca barulhenta onde a descarga dos vasos não funcionava direito e o proprietário ficava olhando o decote das mulheres. De jeito nenhum. Gino estaria entretendo as pessoas numa

grande mesa ao ar livre, nas colinas ensolaradas da Toscana, com oliveiras brilhando nas estradas abaixo. Haveria tomates gordos e bem vermelhos, muçarela cremosa regada com azeite de oliva, vinho tinto artesanal numa jarra especial de vidro. *Bambini* correndo descalços pelo chão empoeirado e quente, um cachorro erguendo a cabeça com preguiça para latir para as crianças de tempos em tempos...

Será que ele sabia que tinha uma filha na chuvosa Sheffield? Será que a havia *visto* alguma vez?

– Não está me ouvindo, né? – perguntou Pete, exasperado, enquanto Anna fechava a porta do apartamento e os dois desciam as escadas. – Você não ouviu uma palavra sequer do que eu acabei de dizer.

Anna ainda estava na Itália. Era tão mais legal lá.

– Não, me desculpe – confessou. – O que foi?

– Eu queria saber se você viu o jogo do United. Assisti na casa do meu pai. Sabia que ele assinou a Sky Sports? Foi incrível. O novo atacante é espetacular, estou falando...

– Que bom – disse Anna, mas já estava indo embora de novo, voando de volta para o pai e para a vida ensolarada dele.

Ela precisava encontrá-lo. *Precisava*.



A culpa por toda aquela situação com o frango assado, somada a quase uma garrafa inteira de vinho tinto, fez com que Anna nem protestasse quando Pete passou as mãos nela mais tarde naquela noite, depois que já haviam retornado para o apartamento dela, apesar de estar sentindo tanto tesão por aquilo quanto por uma luva de forno. Foi um evento bem mecânico, do tipo “entra e sai, entra e sai, aperta o seio, gemido” e pronto, e ela se sentiu distraída e bem pouco sexy durante todos os três minutos que aquilo durou.

– Bem – disse Pete depois, saindo de cima dela. – Acho que eu daria 7,5.

Anna tinha achado que era brincadeira na primeira vez em que Pete deu uma nota para a transa dos dois, mas pelo jeito ele realmente falara sério. Para seu grande horror, Anna descobriu que ele registrava as notas numa planilha no computador. Sério mesmo. Ela não tinha bisbilhotado, mas ele

havia deixado a janela aberta por acidente um dia, e o título “Sexo com Anna” chamou sua atenção. E ali estava, preto no branco: a data, a nota e uma breve descrição de como tinha sido.

*A. em cima, óleo de bebê, luzes acesas* – esse tinha ganhado nota 10. Mas *A. de mau humor, irritada demais, um pouco apressado* mereceu apenas 6.

– Pelo amor de Deus – dissera Anna, horrorizada, com os olhos arregalados. – Pete, que diabos é isso?

– Você não se importa, né? – respondera Pete, com uma expressão marota. – Achei que era meio sexy.

Meio sexy? Meio psicopata, isso sim. Não tinha nada a ver com cartas de amor num papel perfumado nem um diário cheio de relatos de paixão. Anna queria nunca ter visto aquela planilha, queria apagá-la da memória.

– Você não vai... não vai mostrar isso para mais ninguém, né?

– Claro que não, querida. Isso é algo íntimo. Protegido por senha. Só para os nossos olhos. – Ele subiu a planilha. – Veja, você ganhou um 10 aqui. Lembra essa noite? Olá-á, Enfermeira.

*E olá-á, Dr. Pervertido*, pensou Anna meio nauseada, mas Pete parecia satisfeito consigo mesmo de um jeito tão jovial que ela não teve coragem de discutir. Porém, desde esse dia, ela não conseguia se impedir de pensar – às vezes até durante o próprio ato – como Pete despreveria cada transa. Era ótimo para acabar com o clima.

– Pete – disse Anna –, é melhor guardar as notas só para você, que tal? Tipo, mentalmente? Essa tabela faz com que eu me sinta sob pressão, como se eu fosse uma foca de circo ou algo assim.

Ele começou a brincar com um dos mamilos dela. Era extremamente irritante.

– Mas eu não quero transar com uma foca, *babe* – respondeu ele, se aconchegando nela.

Anna conseguia sentir o bafo alcoólico dele em seu pescoço.

– Eu sei, mas...

*E não me chame de “babe”*, ela queria dizer. Isso só a fazia se sentir como Babe, o porquinho atrapalhado. Uma porca desobediente que não queria ganhar notas de 0 a 10 cada vez que fazia um número.

– Eu só não gosto, está bem? – falou depois de alguns momentos. – Pete? Mas a mão dele tinha virado um peso morto no peito de Anna, e um ronco

gutural saiu de sua garganta. Quem era o porco agora?, pensou Anna, aborrecida, dando as costas para Pete e colocando o travesseiro sobre a cabeça.

*MULHER SUFOCA NAMORADO DE MERDA*, anunciou uma nova manchete em seu cérebro. Mas bem nessa hora Pete se virou e jogou um braço por cima de Anna.

– Durma bem, linda – murmurou em sonhos, e Anna se sentiu derreter.

Ele realmente a amava. Ela sabia disso. E estar com Pete certamente era bem melhor do que estar sozinha, não era?

Anna fechou os olhos, torcendo para sonhar com a Itália. Sua busca continuaria na manhã seguinte, prometeu a si mesma. Independentemente do que Pete dissesse.

## CONHEÇA OS LIVROS DE LUCY DIAMOND

A casa dos novos começos

O café da praia

Os segredos da felicidade

Uma noite na Itália

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

